

EDUCAÇÃO

2 - MAI 1993

Aluno estrangeiro se surpreende ao viver no Brasil

Estudantes e estagiários de grandes empresas aprendem a conhecer um País diferente daquele que ouviram falar em seus locais de origem

ROSA LUÍZA BAPTISTELLA

Nem a inflação acumulada de 1.243,26% nos últimos doze meses, nem as notícias de crime e violência dos jornais são capazes de afastar os estudantes de várias partes do mundo que, todos os anos, disputam um lugar nos cursos das melhores universidades e estágios em empresas situadas no Brasil. Eles vêm de diversos países da Europa, da América do Norte e Latina, África e até da China para ver o que é que os brasileiros têm, além de carnaval, futebol, inflação, favelas e violência.

Na maioria das vezes se surpreendem, constata a relação públicas da Comissão de Cooperação Internacional da USP, Elizabeth Bjorkstrom. Os centros urbanos mostram aos estrangeiros um Brasil que eles nem desconfiavam. "Em nossos países, só sabemos das más notícias", confessa Indranil Chakrabarti, o Duke, de 21 anos, indiano naturalizado inglês.

Aluno da Universidade de Londres, Duke está na Universidade de São Paulo por conta do Programa de Estudantes-Convênio (PEC), mantido pelo Ministério das Relações Exteriores. "Aqui em São Paulo, é possível ir de um extremo a outro sem perceber a realidade brasileira", admira-se.

Ostentação — Os contrastes nacionais também chocam a alemã Amtje Yvonne Greve-Carter, 25 anos. Quando ela informou à família que acompanharia o marido ao Brasil, tomou um susto. "Disseram-me que eu ia morar em favela, enfrentar inflação e muitos ladrões", conta. Aluna do curso de Cultura Brasileira da USP, ela mora em Alphaville e acredita que "a ostentação é a causa da revolta dos que têm fome".

Os estudantes estrangeiros, como o chinês Guan Donyuan, 26 anos, elogiam o nível de ensino e dos professores. Muitos gostam até do chamado "jeitinho brasilei-

ro": "Os prazos não são rígidos, sempre é possível adiar provas ou entrega de trabalhos", diz Iliana Quander, 20 anos, do Spelman College, Estados Unidos.

Desagrado — Sua colega, Jennifer Muller, 20 anos, da Penn State, não concorda. Ela quer aprender o tupi-guarani e, em sua opinião, a flexibilidade do cronograma escolar é prejudicial. Ser chamada de "gostosa" na rua é outro brasileirismo que a desagrada: "É machista e grosseiro".

O suíço Markus Eusgter, 27 anos, está tentando completar sua tese de doutorado sobre os grupos de pressão no processo constituinte. "Manipular é a palavra de ordem, os poderosos não querem educar a massa para não perderem o controle sobre ela e manter a concentração de riqueza", conclui. Roland Schmid, também suíço, de 23 anos, estagiário da Roche, define a corrupção como "o grande problema do Brasil e da América Latina".